

Editor: Paulo Henrique de Noronha
paulo.noronha@brasileconomico.com.br

Eleição Presidencial



Elza Fiúza/ABR

SUPERÁVIT PRIMÁRIO

Resultado para acalmar 'nervosinhos'

O governo decidiu antecipar a divulgação do superávit primário de 2013 e anunciou um resultado de R\$ 75 bilhões, acima da meta ajustada de R\$ 73 bilhões. "Vai acalmar os nervosinhos", afirmou o ministro da Fazenda, Guido Mantega, ao explicar que a antecipação teve como objetivo reduzir a ansiedade do mercado. Segundo ele, a arrecadação de dezembro foi recorde, chegando a R\$ 116 bilhões. **ABR**

Beto Barata/AFP

Manifestações e economia podem afetar as eleições

Especialistas veem poucas chances de mudança nas intenções de voto, mas apontam protestos e cenário econômico como riscos

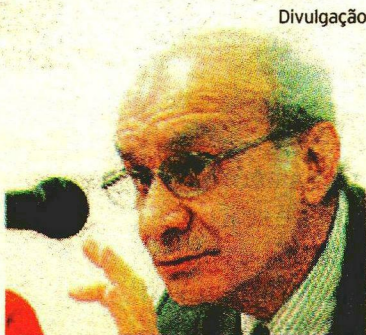
Edla Lula
redacao@brasileconomico.com.br
Brasília

A atuação do governo diante das prometidas manifestações contra a Copa do Mundo e as repercussões da economia no bolso do eleitor brasileiro serão fatores chave para os planos de reeleição da presidenta Dilma Rousseff, que é a líder de intenção de voto em todas as pesquisas para a eleição presidencial de 2014. Segundo analistas ouvidos pelo **Brasil Econômico**, esses seriam os únicos senões com poder para abalar o favoritismo de Dilma.

Para esses analistas, a performance dos candidatos da oposição por si só não seria capaz de provocar um segundo turno. "Uma boa aposta para 2014 é a de que fique parecido com o que já está. Ou seja, não haverá grandes mudanças", diz o professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Fábio Wanderley Reis. "A não ser por um acontecimento inesperado, como uma forte crise na economia, que afete a renda e o emprego, não há indícios de que haja alterações nas intenções de voto", complementa.

Concordando com ele, o cientista político da Universidade de Brasília (UnB) Paulo Kramer afirma que a economia terá papel determinante. "O ano de 2013 mostrou uma divergência entre a economia popular, aquela tal como o povo a vê, e a economia como é vista pelos especialistas, com política fiscal deteriorada, desconfiança do empresariado e intervencionismo na política econômica". Kramer avalia que somente se essas duas avaliações convergirem, aumentando a desconfiança popular em relação à economia, haveria um sinal de perigo para a candidatura da presidenta.

Já a aliança entre Eduardo Campos (PSB) e Marina Silva (PSB/Rede) que, ao surpreender o país em outubro do ano passado, foi vista como ameaçadora por especialistas e políticos, não representaria hoje um perigo real. "A parceria entre Campos e



Divulgação

"A não ser por um acontecimento inesperado, como uma forte crise na economia, que afete a renda e o emprego, não há indícios de que haverá alterações nas intenções de voto"

Fábio Wanderley Reis
Professor da UFMG



Divulgação

"A questão do eleitor hoje não é o acesso às coisas que ele pode comprar, é o acesso a serviços públicos de qualidade. Para o governo isso é um sinal de perigo; para a oposição, de oportunidade"

Paulo Kramer
Cientista político

Marina até aqui não mostrou com clareza seu grau de relevância", afirma Reis. Ele pondera ainda tratar-se de uma coligação problemática, já que "um (Campos) é o candidato posto pelo partido e outro (Marina) é o candidato real, que tem voto e mais força".

Kramer vai mais longe ao citar a possibilidade de troca de cadeiras entre o governador de Pernambuco e a ex-ministra ao longo da corrida. "Por enquanto, o mais provável é Eduardo continuar na cabeça de chapa, mas não descartado como impossível, embora ache improvável, ele trocar de cadeira com a Marina", aponta Kramer. Apesar de Marina ter declarado que somente Campos é candidato a presidente, a sua permanência na condição de vice ainda não foi explicitada.

Sobre Aécio Neves (PSDB), os analistas apostam que ele ganhará espaço na preferência dos eleitores. "Aécio não atingiu sequer o índice do Serra ainda. Mas existe uma tendência de que ele cresça", diz Reis. A mais recente pesquisa do Datafolha, feita nos dias 28 e 29 de novembro apontou Dilma Rousseff com 47% das intenções de voto, Aécio Neves com 19% e Eduardo Campos com 11%. Na sondagem do Ibope, feita de 7 a 11 de novembro, Dilma aparece com 43%, Aécio com 14% e Eduardo com 7%.

Outra aposta dos especialistas é a aliança, em um eventual segundo turno, entre Eduardo Campos e Aécio Neves. Para Kramer, a dinâmica do processo eleitoral vai ser tamanha que Campos não poderá mais voltar para a sua antiga posição de aliado do governo. "Ele terá queimado as suas pontes, como de certa forma já queimou", avalia o cientista político.

Para Kramer, a campanha sucessória passará por um teste de fogo durante a Copa do Mundo, com as manifestações, trazendo mais prejuízos para a candidata da situação, Dilma Rousseff. "O problema do eleitor hoje não é o acesso às coisas que ele pode comprar, é o acesso aos serviços públicos de boa qualidade, que ele não



A volta dos protestos contra a Copa pode desgastar o governo

pode comprar no mercado. Para o governo isso é um sinal de perigo; para a oposição, de oportunidade", diz Kramer.

Fábio Wanderley Reis não acredita, entretanto, que uma possível retomada das manifestações de rua mude o quadro da sucessão. "As manifestações não podem ser vistas como expressivas do ponto de vista estatístico", afirma, ao lembrar que, no ano passado, o máximo de multidão que os protestos conseguiram reunir foi um milhão de pessoas. "Esse número equivale a 0,5% da população. Não tem tanta importância do ponto de vista das eleições", diz, ressaltando que o grosso do eleitorado não valoriza as manifestações. "Bem ou mal, a economia tem trazido dados positivos, como salário crescendo e o acesso ao crédito". Além disso, o professor aponta "um simbolismo cultural" com a imagem do ex-presidente Lula ainda projetada sobre a presidente-candidata Dilma. "Isso é o que pesa".

Luiz Martins, professor da UnB e pesquisador em Comunicação e Mobilização Social, adverte que, caso queiram retomar os protestos de junho de 2013, os organizadores terão que repensar a estratégia. "Algo vai ter que ser criado, porque a experiência de 2013 mostrou facilidade em convocar manifestações pelas redes sociais e a dificuldade em controlar e manter a sua identidade", pondera Martins, lembrando que os movimentos de 2013 perderam o caráter cívico: "De repente, uma passeata de professores se transformava em arrastão e ninguém tinha o poder para deter".

Ao tratar da falada "sophisticção" das reivindicações do eleitor, Paulo Kramer destaca que "a classe média tem hoje um tamanho que nunca teve". "Na medida em que o ser humano se torna menos escravo da pobreza e das baixas condições de vida, as antigas necessidades são substituídas por outras menos materiais", conclui.